

**A INDÚSTRIA CALÇADISTA DE BIRIGUI NA DÉCADA DE 1980:
DESENVOLVIMENTO E COMPETITIVIDADE**

*SHOES INDUSTRY OF BIRIGUI IN THE 80'S: DEVELOPMENT AND
COMPETITIVENESS*

Marco Aurélio Barbosa de SOUZA¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo avaliar o desenvolvimento e a competitividade da indústria calçadista da cidade de Birigui na década de 1980. Foram revisados os conceitos de competitividade presentes em interpretações que analisaram a indústria brasileira de calçados nos anos 1980, em especial, a denominada competitividade (autêntica e espúria) e flexibilidade espúria. Para o desenvolvimento do trabalho, além da pesquisa bibliográfica, realizou-se um “Estudo de caso”. Os resultados evidenciam que o termo “flexibilidade espúria” foi o mais apropriado para o entendimento da competitividade da indústria calçadista de Birigui na década de 1980. Em relação ao desenvolvimento, constatou-se que mesmo em uma década de baixo crescimento, a indústria local apresentou crescimento favorável.

Palavras-chave: Indústria Calçadista. Competitividade. Flexibilidade Espúria.

Abstract: This paper aims to evaluate the development and competitiveness of shoes industry in the city of Birigui in the 1980's. We reviewed the concepts of competitiveness present in most analysis of Brazilian shoes industries in the 80's, especially the designated competitiveness (authentic and spurious) and spurious flexibility. In order to implement this study, apart from the bibliographic research, we realized a “case study”. The results make evident that the term “spurious flexibility” was the most appropriated one for the understanding of competitiveness in shoes industry of Birigui in the 80's. Concerning the development, we ascertained that even in a decade of low rate improvement the local industry presented favorable improvement.

Keywords: Shoes industry. Competitiveness. Spurious flexibility.

¹ Economista, Mestre em Economia pela UNESP de Araraquara, Professor da Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA) – Araçatuba-SP e pesquisador-associado do Laboratório de Estudo sobre Desenvolvimento e Sustentabilidade (LabDES) da Unesp de Franca (SP). E-mail: prof.marcoaurélio@yahoo.com.br

1 Introdução

O foco do presente estudo é o processo de desenvolvimento da indústria calçadista de Birigui na década de 1980 em um cenário de baixo crescimento econômico que intitulou o período como “década perdida”². Questiona-se como se comportou o setor calçadista da cidade de Birigui nesse contexto e quais os fatores determinantes de sua competitividade.

Destaca-se que a literatura especializada que analisou o comportamento da indústria brasileira de calçados na década de 1980 restringiu o campo de investigação aos polos produtores de Franca (SP) e o Vale dos Sinos (RS), cuja dinâmica se diferencia do caso de Birigui em três aspectos: o tipo de calçado produzido; a matéria prima predominante na confecção dos produtos e o destino da produção.

A indústria de Franca (SP) é conhecida pela produção de calçados masculinos de couro e o Vale dos Sinos é especializado na produção de calçados femininos de couro. Em relação ao destino da produção, ambos os polos (Franca e Vale dos Sinos) aproveitaram o contexto econômico da década de 1980 para ampliar sua presença no mercado internacional aproveitando os diversos incentivos oferecidos pelo governo.

Por outro lado, quando se analisa a indústria de Birigui, percebem-se importantes diferenças. A primeira é o segmento atendido pela indústria: o segmento de calçados infantis. Outro aspecto importante é a concentração da comercialização no mercado interno e, por fim, o tipo de matéria prima predominante – no caso de Birigui – o material alternativo (sintético, tecido, plástico e outros materiais).

Essas diferenças tornam-se ainda mais relevantes quando se confronta a literatura especializada que ressalta as importantes mudanças desenroladas na década de 1980 marcadas pelo desdobramento da produção calçadista em dois segmentos: a produção de calçados de couro, direcionada ao mercado externo, e a produção de calçados alternativos, com foco no mercado interno.

Em meio a essas diferentes características dos polos calçadista da indústria brasileira de calçados surgem interpretações relacionadas à competitividade da indústria na década de 1980. Essas interpretações se desdobraram em duas abordagens distintas: a vertente que analisa a competitividade da indústria partindo das contribuições de Fernando Fajnzylber, em

² A cidade de Birigui está localizada no interior do Estado de São Paulo, distante aproximadamente 500 km da capital paulista e conta uma população de pouco mais de 110 mil habitantes (IBGE – 2010). De acordo com o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI – dez/2010 e jan/2011) a indústria calçadista do município empregou 19.123 pessoas no ano de 2010 e produziu 60 milhões de pares de calçados (6% da produção nacional), sendo 2.8 milhões destinados às exportações (aproximadamente 4,6% da produção).

especial, a noção de competitividade “autêntica” e “espúria” e a vertente que propõe uma interpretação alternativa que incorpora outros elementos à abordagem, como por exemplo, a análise de formas de cooperação entre empresas e de articulação delas em arranjos produtivos locais (APL).

O presente estudo procura verificar em primeiro lugar o desempenho do setor calçadista de Birigui nos anos 1980 e num segundo momento qual arcabouço conceitual é o mais adequado ao entendimento da competitividade da indústria no período.

Para cumprir os objetivos do presente estudo, o trabalho foi dividido em seis seções, incluindo a introdução. A segunda seção apresenta a origem da indústria calçadista da cidade de Birigui e sua trajetória até o final dos anos 1970. Em seguida, investiga-se o comportamento da economia brasileira na década de 1980 e o desempenho da indústria brasileira de calçados. A seção seguinte avalia as interpretações sobre a competitividade da indústria de calçados na década de 1980. O desenvolvimento da indústria de calçados de Birigui e os fatores determinantes de sua competitividade são analisados na quinta seção, que é sucedida pela seção final em que são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 Indústria calçadista de Birigui: origem e desenvolvimento até a década de 1970

Para Vedovotto (1997) e Rizzo (2005) a indústria calçadista de Birigui teve origem entre as décadas de 1940 e 1950, época de instalação de algumas Selarias e Sapatarias e também da Indústria de Calçados Biriguiense Ltda de propriedade de Avak Bedouian em 1947.

Souza (2006) e Souza e Barbosa (2009) apontam que o surgimento da indústria ocorreu com a instalação da empresa Ramos & Assumpção Ltda no ano de 1958 de propriedade dos irmãos Antônio e Francisco Ramos de Assumpção.

De acordo com Souza e Barbosa (2009) o início de atividade da empresa Ramos & Assumpção Ltda e seu desdobramento posterior desencadearam o processo que na década seguinte (1960) levou ao surgimento de novas empresas e à definição do segmento no qual se especializou a cidade: a produção de calçados infantis.

Apesar das diferentes interpretações, foi efetivamente nos anos 1960 que a indústria germinou com a instalação de novas empresas que direcionaram sua produção para confecção de calçados infantis.

No ano de 1969, o setor calçadista da cidade alcançou uma produção anual de mais de 1,5 milhão de pares, época em que empregava aproximadamente 786 trabalhadores e contava com aproximadamente 18 empresas (SOUZA; BARBOSA, 2009).

Segundo Souza e Barbosa (2009) a instalação dos primeiros fornecedores de insumos e componentes da indústria de calçados foi outro aspecto importante do período, dando início à formação da cadeia produtiva local. Os fornecedores instalados foram: Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda (nome posteriormente alterado para Cartonagem Jofer Ltda), em 1966; Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, em 1968 e Metalúrgica Fiargo Ltda, em 1968.

Na década de 1970 o setor acelerou seu crescimento com a instalação de 35 empresas, a formação de novos fornecedores, o crescimento da produção e do número de empregados (vide tabela 1).

Tabela 1 - Instalação de empresas de calçados, empresas fornecedoras, o crescimento da produção e do número de empregados da indústria de calçados de Birigui entre 1970 e 1979.

Ano	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Produtores de calçados	1	2	2	4	5	2	6	2	6	5
Empresas fornecedoras	-	-	2	1	-	1	1	3	-	-
Produção	1.888.000	2.432.000	2.570.000	-	-	3.689.000	-	-	-	-
Número de empregados	1.169	1.346	1.607	-	-	-	-	-	-	3.500

FONTE: Elaborado a partir dos dados de Souza (2006) e Souza e Barbosa (2009).

Apesar da ausência de informações para alguns anos, fato que dificulta a elaboração de uma série histórica completa para o setor, os dados da tabela 1 confirmam o crescimento da indústria durante os anos 1970. Na década o número de empregados cresceu aproximadamente 200%, de 1.169, em 1970, para 3.500, em 1979. A produção anual aumentou na primeira metade da década de pouco mais de 1.888.000 em 1970 para mais de 3.689.000 de pares, em 1975, incremento de 95,3%.

E, do ponto de vista da instalação de empresas fornecedoras, mais oito iniciaram atividades no município.

Percebe-se, portanto, o crescimento da indústria local entre as décadas de 1960 e 1970. Entretanto, foi na década de 1980, que a indústria local se consolidou, com a instalação de 211 empresas (SOUZA, 2006).

Dessa forma, a próxima seção discute o comportamento da economia brasileira na década de 1980 e o desempenho da indústria brasileira de calçados, contexto em que ocorreu a consolidação da indústria calçadista de Birigui.

3 A década de 1980 e o desenvolvimento da indústria brasileira de calçados

De acordo com Negri (1996), na década de 1980, a indústria brasileira apresentou baixo crescimento econômico, em consequência das políticas de ajuste macroeconômico e da trajetória da inflação crônica.

Para Carneiro (2002), a década de 1980 pode ser caracterizada pela drástica redução do crescimento, estagnação do produto *per-capita*, redução no nível de investimentos e pela transferência de recursos reais para o exterior.

Segundo Suzigan (1988), a busca de saldos comerciais superavitários para o pagamento do serviço da dívida externa passou a ser o principal objetivo da política econômica. Para atingir esse objetivo, realizou-se um ajuste da economia objetivando reduzir o nível da demanda do mercado interno com o fim de gerar excedentes exportáveis (SUZIGAN, 1988).

Reis, C. (1994) aponta que a principal característica da política econômica foi a obtenção de constantes superávits comerciais com o objetivo de corrigir alguns desequilíbrios macroeconômicos, principalmente, o atendimento dos encargos financeiros da dívida externa. Para tanto, o governo procurou promover as exportações e conter as importações.

De acordo com Coutinho e Ferraz (1995) as grandes transformações ocorridas na economia mundial afetaram desfavoravelmente o país nos anos 1980 desencadeando a crise da dívida, a desorganização das finanças públicas e a perda de dinamismo da economia brasileira.

Dessa forma, nos anos 1980, a economia brasileira viveu em crise (REIS, M., 1992), fazendo com que a década recebesse a denominação de “década perdida”.

Apesar da crise dos anos 1980, a indústria brasileira de calçados apresentou taxa de crescimento positiva, quando comparado a outros indicadores.

O desempenho da indústria calçadista se sobressai ao comparar a taxa média de crescimento anual dela com o Produto Interno Bruto (PIB), com a indústria de transformação e o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido (Vide tabela 2).

Tabela 2 - Taxa de crescimento médio anual do Produto Interno Bruto (PIB) e agregados da indústria de transformação Brasileira entre 1980 e 1990

Variáveis	Taxa de crescimento médio anual
Produto Interno Bruto	1,5
Indústria de Transformação	-0,1
Gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido	-2,6
Indústria de calçados	2,0

FONTE: IBGE. Contas Consolidadas para nação, 1990. Extraído de Reis (1994).

Nota-se que a indústria de calçados cresceu a uma taxa média de 2% ao ano no período, enquanto a indústria de transformação e o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido apresentaram desempenho negativo.

De acordo com Reis, C. (1994) o desempenho da indústria foi caracterizado por algumas transformações que orientaram o setor em duas direções: a produção de calçados de couro, dirigida ao mercado externo, e a produção de calçados alternativos, dirigida ao mercado interno (sintético, tecido, plástico e outros materiais).

Esse duplo movimento permitiu que a indústria de calçados expandisse as exportações e ao mesmo tempo atendesse a demanda interna.

O desempenho dessa indústria nos anos 80 foi caracterizado por algumas transformações que, resumidamente, se orientaram em duas direções. Primeiro, a produção de calçados de couro tem progressivamente se dirigido para o mercado externo, o que diminui sua importância relativa no mercado interno. Segundo, a demanda interna vem sendo atendida pela disseminação de calçados alternativos (fabricação de calçados com materiais diversos que não o couro). Esse duplo movimento permitiu à indústria brasileira expandir suas exportações e ao mesmo tempo suprir a demanda interna (REIS, C., 1994, p. 2)

Para compreender a situação do setor calçadista nacional nos anos 1980, Reis, C. (1994) realizou estudos nos polos produtores de Franca (SP), especializado na produção de calçados de couro para homens, e no Vale dos Sinos (RS), especializado na produção de calçados de couro para mulheres. Esses polos calçadistas se beneficiaram da política econômica implementada na década direcionada à ampliação das exportações brasileiras.

Constatação semelhante a respeito do desempenho do setor calçadista na ampliação das exportações e na substituição do couro por materiais alternativos nos anos 1980 foi feita

por Negri (1996) e Costa (1993).

De acordo com Negri (1996) alguns setores que conseguiram conquistar mercados internacionais aumentaram seu peso relativo na estrutura industrial brasileira, entre os quais o setor de calçados. Para Costa (1993) diante da crise econômica da década de 1980 as empresas de calçados empreenderam estratégias de ajuste movendo-se em duas direções: na produção de calçados mais baratos, substituindo o couro por materiais alternativos e na intensificação dos esforços em direção ao mercado externo.

Com a constatação do crescimento do setor calçadista nacional ao longo dos anos 1980, cumpre examinar os fatores determinantes de sua competitividade no período, objeto da próxima seção.

4 A competitividade da indústria brasileira de calçados nos anos 1980

A competitividade da indústria brasileira de calçados na década de 1980 foi objeto de análise de Prochnik (1991), Reis, M. (1992), Costa (1993), Reis, C. (1994)³. Três desses trabalhos utilizaram a definição de competitividade desenvolvida no estudo de Fajnzylber (1988)⁴.

Fajnzylber (1988) desenvolve dois conceitos de competitividade: a competitividade real ou autêntica geralmente observada em países desenvolvidos e a competitividade espúria presente em países subdesenvolvidos, como exemplo, os da América Latina.

A competitividade real ou autêntica é aquela fundamentada no progresso técnico que permite ao país concorrer no mercado externo e ao mesmo tempo elevar o padrão de vida da população. Em contrapartida, a competitividade espúria é o resultado da exploração intensiva de matérias primas, dos baixos salários, da precarização do trabalho e do uso de políticas econômicas de origem cambial, creditícia e fiscal necessárias para a ampliação das exportações de um país como condição para o pagamento de sua dívida externa (REIS, C., 1994).

De acordo com Fajnzylber (1988) nos países desenvolvidos:

[...] la reestructuración productiva persigue el mejoramiento de la competitividad, entendida como la capacidad de un país para expornerse al mercado externo y

³ Ressalte-se que os autores supracitados realizaram seus “estudos de caso” na indústria calçadista de Franca (SP) e do Vale dos Sinos (RS), sendo, portanto, inexistentes estudos relativos à indústria calçadista de Birigui (SP) no período.

⁴ Prochnik (1991); Reis, M. (1992) e Reis, C. (1994).

mantener o elevar el nivel de vida de su población (FAJNZYLBER, 1988, p. 7)

Por outro lado, nos países subdesenvolvidos como os da América Latina:

[...] em América Latina, en cambio, el propósito básico apunta [...] a generar un superávit comercial suficiente para servir la cuantiosa deuda externa, lo cual no necesariamente se traduce em avances em materia de competitividad y exige a menudo reducir el precario nivel de vida de amplios segmentos de la población (FAJNZYLBER, 1988, p. 7)

Suzigan e Fernandes (2005) apontam que Fajnzylber considerava a competitividade desenvolvida pelos países avançados decorrente do avanço da produtividade e da incorporação de progresso técnico como uma competitividade “autêntica” contrapondo-se a competitividade “espúria” conseguida através de desvalorização cambial, acompanhada por restrições a demanda interna e outros fatores que são válidos do ponto de vista da empresa, mas não do país (mão de obra barata, recursos financeiros artificialmente subsidiados, subsídios fiscais e outros).

Prochnik (1991) ao analisar a competitividade da indústria de calçados na década de 1980 com base nos estudos de Fajnzylber desenvolveu uma tipologia híbrida denominada “flexibilidade espúria”. Para Prochnik (1991), é possível observar na indústria de calçados situações nas quais ao mesmo tempo em que ocorre a incorporação parcial de inovações tecnológicas e organizacionais ao processo produtivo, são mantidos os fatores identificados como “espúrios” de competitividade: baixos salários, condições precárias de trabalho e alto índice de insalubridade.

Segundo Prochnik (1991, p. 55, grifo do autor):

[...] no caso da indústria brasileira de calçados, existe um terceiro padrão possível, no qual equipamentos e técnicas modernas coexistem com salários baixos e condições de trabalho precárias, denominado de “flexibilidade espúria”.

Ainda de acordo com o autor, o termo “flexibilidade espúria” tem relação com a flexibilidade na produção que é realizada pelas empresas por meio da rotatividade da mão de obra e subcontratação de parte da produção utilizando “bancas” e/ou “ateliês” contribuindo para a característica “espúria” da flexibilidade e competitividade.

Apesar da proposta do termo “flexibilidade espúria”, Prochnik (1991, p. 74) conclui seu estudo dizendo que:

O setor de calçados se moveu, na década de 1980, preponderantemente dentro do cenário de competitividade espúria. O consumo interno de calçados declinou, as

condições de trabalho são precárias e incentivos, subsídios e o câmbio estimularam as exportações.

Reis, C. (1994) em seu estudo divide a década de 1980 em dois momentos: a primeira metade até 1985 e a segunda de 1986 em diante. Para Reis, C. (1994), na primeira metade da década predominou a chamada “competitividade espúria” presente na tipologia proposta por Fajnzylber. E, no segundo período, sobressaiu-se a tipologia desenvolvida por Prochnik (1991) de “flexibilidade espúria”.

A caracterização da competitividade do setor na primeira metade da década como sendo “espúria” de acordo com Reis, C. (1994) se deve à utilização de diversos instrumentos de política cambial, fiscal e financeira que foram destinados à promoção das exportações objetivando ampliar o saldo da balança comercial. Desse modo,

[...] a inserção internacional, bem como a expansão do setor calçadista brasileiro, se deram via ‘artificialização’ de preços e não por meio de ganhos de produtividade por incorporação de novas tecnologias (REIS, C., 1994, p. 182).

Segundo Reis, C. (1994) a pressão exercida por vários países, com destaque os EUA, para que o Brasil retirasse os mecanismos de promoção à exportação fez com que o governo iniciasse a desmontagem do esquema de promoção às exportações em 1985. A partir desse ano a competitividade da indústria assume uma característica de “flexibilidade espúria” vigente na tipologia de Prochnik (1991).

Reis, M. (1992) também tratou da questão da competitividade da indústria brasileira de calçados na década de 1980. Entretanto, diferente de Prochnik (1991) e Reis, C. (1994) a autora apresenta uma proposta interpretativa diferente que incorpora em sua análise a importância de formas de cooperação entre empresas como fator relevante no desempenho competitivo da indústria.

Em sua interpretação, Reis, M. (1992) aponta que grande número de trabalhos dedicados ao estudo dos fatores de competitividade da indústria nos anos 1980 teve como ponto de referência os conceitos definidos por Fajnzylber (1988). Entretanto, há deficiências no tratamento da questão presente na proposta de Fajnzylber (1988) e como exemplo Reis, M. (1992) apresenta o estudo de Hagueanauer (1989) que destacou a impossibilidade de se analisar a competitividade por meio de uma única variável, que, no caso de Fajnzylber (1988), foram as exportações⁵.

⁵ O trabalho de Hagueanauer (1989) apresenta uma importante contribuição, pois a autora realizou uma resenha crítica de diversas abordagens dadas ao tema da competitividade, analisando o tema e vinculando-o ao conceito

Nesse contexto, Reis, M. (1992) elenca os determinantes da competitividade externa da indústria brasileira de calçados nos anos 1980:

[...] nos anos 1980, alguns fatores destacaram como importantes para a competitividade externa dos calçados brasileiros: a matéria-prima, o baixo custo de mão-de-obra, a especialização num segmento de mercado [...] os incentivos fiscais e subsídios e a forma de organização industrial (REIS, M. 1992, p. 85).

Em relação ao item forma de organização industrial (aspecto importante para a análise do setor calçadista de Birigui), Reis, M. (1992, p. 7) aponta que:

[...] grande parte da competitividade de que as empresas localizadas nesses pólos podem alcançar, especialmente as pequenas e médias, advém da existência de economias decorrentes da aglomeração setorial.

Por fim, duas definições adicionais de competitividade são incorporadas ao trabalho: a apresentada por Coutinho e Ferraz (1995) e a de Costa (1993).

Segundo Coutinho e Ferraz (1995, p. 18) “[...] a competitividade deve ser entendida como a capacidade da empresa de formular e implementar estratégias concorrenciais que lhe permitam conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado”.

Nota-se que na formulação de Coutinho e Ferraz (1995) a competitividade está relacionada à formulação e implementação de estratégias. Dessa forma, a empresa pode criar, ampliar e fortalecer a sua competitividade por meio da formulação de estratégias. Segundo Porter (1998, p. 1) “[...] a estratégia competitiva é a busca de uma posição competitiva favorável em uma indústria, arena fundamental onde ocorre a concorrência”.

Costa (1993) é outro que analisou a situação da indústria brasileira de calçados entre os anos 1980 e começo da década de 1990. De acordo com Costa (1993) a competitividade da indústria de calçados ocorre no preço e na diferenciação. No caso do preço o fator chave da competitividade é o custo da mão de obra. Já no quesito diferenciação, destacam-se o *design*, a fixação e fortalecimento da marca e o enobrecimento do produto. Dessa forma, para Costa (1993, p. 23) “[...] concorrência não é só preço, ela ocorre também por meio da diferenciação”.

Tendo como pressupostos as interpretações sobre a competitividade da indústria calçadista nacional na década de 1980, a seção seguinte apresenta o desenvolvimento da

de desempenho, eficiência, preço e qualidade, tecnologia, salários e produtividade. Após analisar esses vários conceitos a autora apresentou uma proposta na qual a competitividade é entendida como a capacidade de uma indústria ou empresa produzir mercadorias com qualidade, requeridos por mercados determinados utilizando recursos em níveis iguais ou inferiores aos que são utilizados por empresas e indústrias semelhantes no resto do mundo (HAGUENAUER, 1989).

indústria de calçado infantil de Birigui na década de 1980 e os fatores determinantes de sua competitividade.

5 O desempenho e a competitividade da indústria calçadista de Birigui na década de 1980

Segundo Souza (2006), foi grande o crescimento da indústria calçadista de Birigui nos anos 1980, superando inclusive o período anterior (a década de 1970). O número de empresas instaladas, a ampliação da cadeia produtiva, o crescimento da produção e do número de empregados são evidências desse crescimento.

Durante a década, 211 empresas iniciaram atividade no município, com destaque para a segunda metade, com a implantação de 158 unidades (vide tabela 3). O crescimento do número de empresas estimulou o desenvolvimento da cadeia produtiva com o surgimento de 41 fornecedores no período.

Entre os fornecedores se destacaram os de componentes para a fabricação de calçados (adesivos, barbantes, PVCs, cordões, espumas, estopas, grampos, fitas, linhas, *nylon* e outros), os fabricantes de facas, fôrmas, embalagens para calçados; os fabricantes de matrizes, moldes, entre outros (SOUZA, 2006).

Tabela 3 - Instalação de empresas de calçados e empresas fornecedoras na década de 1980

Anos	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Produtores de calçados	12	6	4	18	13	4	62	24	23	45
Empresas fornecedoras		2	1	2	4	3	8	7	5	9

FONTE: Souza (2006).

O fluxo de instalação de novas empresas na década ampliou o estoque de empresas ao longo dos anos (vide tabela 4). Em 1981, a cidade contava com 49 empresas de calçados e, em 1989, 133, incremento de 171,43%.

Tabela 4 - Número de empresas de calçados da cidade de Birigui entre 1980 e 1989

Anos	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Número de Empresas	-	49	59	67	75	77	119	125	121	133

FONTE: Souza (2006).

O aumento do número de empresas favoreceu o crescimento da produção e do número de empregados (vide tabela 5 e 6)⁶.

Entre 1985 e 1989, a produção local aumentou em 68,71% saltando de 17.781.510 de pares anuais para 30 milhões. Notou-se também o foco das empresas de Birigui: o mercado interno, pois entre 1985 e 1989 a produção destinada às exportações nunca ultrapassou 3% da produção local.

Tabela 5 - Produção de calçados da indústria de Birigui (em pares) entre os anos de 1985 e 1989

Anos	1985	1986	1987	1988	1989
Produção de calçados	17.781.510	25.292.100	20.405.900	21.426.195	30.000.00
Exportações	44.537	632.302	449.929	642.785	-

FONTE: Souza (2006).

Verificou-se também expressivo crescimento do número de empregados no setor calçadista na década de 1980. Apesar da ausência de informações para os três primeiros anos da década, é possível utilizar como base comparativa o número de empregados da indústria em 1979 e compará-lo ao número de empregados de 1989. Em 1979, a indústria local empregava 3.500 trabalhadores e, em 1989, o contingente alcançou 9.243, crescimento de 164%. E, entre os anos do intervalo entre 1980 e 1989, o ano de 1986 foi o destaque, ano em que a indústria local empregou 9.753 trabalhadores. Ressalte-se que 1986 foi o ano do Plano Cruzado, cujo impacto foi positivo na indústria⁷.

Tabela 6 - Número de empregados na indústria calçadista de Birigui na década de 1980

Anos	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Número de empregados	-	-	-	4785	-	7.223	9.753	8.028	8.680	9.243

FONTE: Souza (2006).

Tendo em vista o desempenho favorável do setor calçadista de Birigui na década, questionam-se quais foram os fatores determinantes da competitividade no período.

O exame das interpretações apresentadas nas seções anteriores aponta em um primeiro momento para a direção proposta por Reis, C. (1994), para o qual a dinâmica e o desempenho

⁶ Nota-se a ausência de dados para a primeira metade da década, fato que impossibilita a elaboração de uma série histórica completa para o setor. Apesar dessa lacuna, constatou-se o crescimento da indústria no período.

⁷ De acordo com Negri (1996) o Plano Cruzado provocou o aumento real dos salários e do nível de emprego acarretando crescimento da demanda do setor de calçados.

da indústria brasileira de calçados está relacionada, em primeiro lugar, ao desdobramento da produção em duas categorias: a produção de calçados de couro, destinada ao mercado externo e a produção de calçados alternativos, voltada ao mercado interno.

Quanto ao destino da produção da indústria biriguiense os dados da tabela 5 evidenciam a forte concentração no mercado interno. Por outro lado, a produção de calçados alternativos (borracha, plástico, sintético e tecido) também esteve presente na cidade e predominou ao longo da década, conforme observações de diversos autores (VEDOVOTTO, 1997; RIZZO, 2004; SOUZA, 2006; SOUZA; BARBOSA, 2009).

Segundo Souza (2006) durante a década de 1980 ocorreu o aumento da produção de calçados infantis confeccionados com materiais alternativos, principalmente, a partir de 1985. Entre as explicações para o crescimento da produção de calçados alternativos destaca-se a demanda pelo produto, que, por apresentar preço mais reduzido, foi superior a dos calçados confeccionados com couro, conforme apresenta a tabela 7.

Tabela 7 - Consumo *per-capita* de calçados no Brasil entre 1980 e 1990

Anos	Calçados de couro	Calçados alternativos	Total
1980	1,35	2,46	3,81
1981	1,31	2,46	3,77
1982	1,32	2,43	3,75
1983	1,25	2,37	3,62
1984	1,33	2,38	3,71
1985	1,32	2,24	3,56
1986	1,40	2,51	3,91
1987	1,26	2,96	4,22
1988	1,22	2,67	3,89
1989	1,33	2,92	4,25
1990	1,09	2,40	3,49

FONTE: Souza (2006).

Segundo Reis, C. (1994) durante a década de 1980, predominou o consumo de calçados alternativos em comparação ao tradicional calçado de couro, sendo o consumo de calçados alternativos mais que o dobro dos produzidos com o couro em alguns períodos (1987-1989). O crescimento da produção de calçados alternativos perante os de couro também foi observado por Costa (1993). Segundo esse autor, entre 1974 e 1990 a participação dos calçados de couro na produção brasileira de calçados declinou 16%, enquanto a de calçados alternativos cresceu 17,3%.

Essa diferença de desempenho tem duas explicações: a primeira está relacionada ao perfil da distribuição de renda do país; e a segunda, aos efeitos das crises econômicas no

poder aquisitivo da população brasileira. Esses dois fatores impactaram a capacidade de compra da população provocando alterações em seu padrão de consumo (REIS, C., 1994). Segundo Costa (1993) o calçado, por ser um produto de consumo difundido, tem uma demanda sensível a variações no nível de atividade econômica e no perfil da distribuição de renda, variáveis que foram impactadas desfavoravelmente na década de 1980 favorecendo, dessa forma, o aumento da demanda de calçados produzidos com outros materiais por apresentarem preços mais reduzidos.

Esse deslocamento da demanda beneficiou a indústria calçadista de Birigui, que ampliou sua especialização no período na confecção de calçados alternativos.

Ressalte-se que de acordo com Reis, M. (1992) os calçados produzidos com materiais alternativos apresentavam ganhos de produtividade favorecendo a redução do preço final. A produção do cabedal (parte de cima do calçados) exemplifica como esses ganhos de produtividade eram obtidos. Para cortar o cabedal no couro era necessário cortar “peça por peça”, pois o produto apresentava defeitos. No sintético o processo era diferente, sendo possível dobrá-lo e num movimento de corte do balancim cortar várias camadas. Além disso, o sintético era um produto mais fácil de costurar que o couro (é mais leve e fino), trazendo vantagens também para o setor de pesponto.

Além da discussão sobre o desdobramento da produção calçadista, outro aspecto a analisar é o padrão competitivo da indústria de Birigui tendo como base as tipologias da “competitividade espúria” e “competitividade real”, proposta originalmente por Fajnzylber (1988), e a da “flexibilidade espúria”, desenvolvida por Prochnik (1991). A proposta de Reis (1992), que incorpora à discussão o tema das vantagens das aglomerações de empresas, também é avaliada.

A tipologia de Fajnzylber (1988) apresenta pequena capacidade explicativa para o desempenho competitivo da indústria local em decorrência de dois fatores: a concentração da produção das empresas de Birigui no atendimento do mercado interno e, portanto, a ausência de benefícios oriundos das políticas econômicas empreendidas na década de 1980 direcionadas ao aumento do superávit da balança comercial e, principalmente, a constatação de que a competitividade do polo calçadista foi determinada por fatores ligados a “competitividade real” e a “competitividade espúria”, tendo, portanto, uma característica híbrida, fazendo com que a proposta de “flexibilidade espúria” desenvolvida por Prochnik (1991) seja a mais adequada ao entendimento da competitividade da indústria.

Além disso, essa interpretação (FAJNZYLBBER, 1988) não contempla questões relacionadas às vantagens geradas por estruturas aglomeradas decorrentes do surgimento de

externalidades positivas e o desenvolvimento de formas de interação entre empresas, estando, portanto, a proposta de Fajnzylber (1988) mais adequada ao entendimento do desempenho dos polos de Franca (SP) e do Vale dos Sinos (RS).

Dessa forma, a proposta de Prochnik (1991) avança em alguns aspectos, ao contemplar em uma mesma tipologia aspectos da “competitividade espúria” materializada na precarização do trabalho, nos baixos salários e em outras variáveis “espúrias”, convivendo com as melhorias decorrentes da incorporação de progresso técnico e avanços nas técnicas organizacionais. Entretanto, o estudo de Prochnik (1991), assim como o de Fajnzylber (1988), não contemplou as vantagens dos arranjos produtivos locais, que no caso de Birigui foi importante para sua competitividade.

Do ponto de vista dos aspectos “espúrios” da competitividade, Silva (1983) constatou a ocorrência de precarização do emprego, insalubridade no local de trabalho e outras formas de exploração da mão de obra na indústria calçadista de Birigui na década de 1980.

Segundo Silva (1983), entre as ocorrências na indústria calçadista de Birigui nos anos 1980, os destaques foram:

- a) as chamadas “folhas frias”: registro na carteira de trabalho de remuneração condizente com o prescrito pela Lei, mas pagamento efetivo menor para o trabalhador.
- b) emprego de menores, cuja remuneração era abaixo do mínimo da categoria.
- c) diferenças salariais entre homens e mulheres para mesma função e produção: exemplo – corte de oito mil peças de couro no balancim – salário homem (Cr\$ 45.000,00) – salário mulher (Cr\$ 25.000,00).
- d) ausência de registro em carteira.
- e) intoxicação decorrente do uso de cola.
- f) controle de entrada e saída nos banheiros.

A elevada participação de menores no quadro de empregados de algumas empresas da cidade despertou, inclusive, a atenção do Ministério de Trabalho que deslocou fiscais para o município no ano de 1983 para averiguar a situação⁸. Diante das denúncias a maior empresa de calçado de Birigui na época – a Rahal, Assumpção & Cia Ltda (Rassum) publicou em um

⁸ Destaca-se que a legislação da época permitia o emprego de menores.

jornal local o seu quadro de empregados, no qual apresenta a participação dos menores no total (vide tabela 8)⁹.

Tabela 8 - Número de empregados da Rahal, Assumpção & Cia Ltda (Rassum) no ano de 1983

Empregados	Quantidade
Menores do sexo feminino	188
Menores do sexo masculino	174
Total de menores	362
Maiores do sexo feminino	418
Maiores do sexo masculino	549
Total de empregados maiores	996
Total de empregados	1.328

FONTE: Souza (2006).

Em 1983, a empresa Rassum contava com 1.328 empregados, sendo que 362 eram menores, 27,2% do total.

Desse modo, o emprego do menor, cuja remuneração é inferior à do adulto, se destaca entre os fatores de competitividade da indústria calçadista de Birigui na década de 1980, pois mesmo sendo legal sua contratação pelas empresas, é evidente que a remuneração inferior favorece o barateamento do custo da mão de obra considerada um fator chave na competitividade do setor calçadista dado ser intensivo em trabalho (COSTA, 1993). Em seu estudo desenvolvido em Franca (SP) e no Vale dos Sinos (RS), Costa (1993, p. 69) constatou também que “[...] cerca de 30% dos trabalhadores são menores, fazendo jus, segundo a legislação brasileira, a uma remuneração mais baixa”.

Essa característica é adicionada aos outros elementos “espúrios”: folhas frias, falta de registro em carteira e diferença entre a remuneração de homens e mulheres que também impactam favoravelmente na queda do custo da mão de obra para a indústria, além das questões relativas à insalubridade e a precarização do emprego.

[...] no interior das fábricas, as críticas mencionam coletores de poeira quebrados, bebedouros deficientes, comida de má qualidade e restrições ao uso de banheiros (acesso apenas duas vezes ao dia e/ou cinco minutos de utilização a cada vez [...] visitas às fábricas comprovam as deficiências nas condições de trabalho) (COSTA, 1993, p. 69).

Apesar da presença de características “espúrias” da competitividade, notou-se que as empresas de calçados de Birigui também avançaram em relação aos elementos “autênticos”

⁹ Jornal “Diário de Birigüi” de 10 de setembro de 1983. A empresa estava produzindo aproximadamente 18.000 pares/dia no ano de 1983 (SOUZA, 2006).

da competitividade, sobretudo em termos de melhorias nas técnicas organizacionais que na visão de Prochnik (1991, p. 55, grifo do autor) “[...] são entendidas em sentido amplo, abrangendo tanto aquelas que operam ao nível de chão de fábrica como as novas concepções de “marketing”, treinamento, vendas, liderança, etc”. Essas técnicas organizacionais se aproximam, portanto, dos fatores de diferenciação arrolados por Costa (1993): *design*, fixação e fortalecimento da marca e enobrecimento do produto.

Neste contexto, constatou-se o desenvolvimento de estratégias variadas de agregação de valor aos produtos ao longo da década de 1980, com destaque para: a) o desenvolvimento de personagens para os calçados infantis; b) a incorporação de personagens de desenhos animados aos produtos (ex: *Walt Disney*, *Warner Brothers* e outros); c) transformação das caixas de calçados em brinquedos; d) agregação de brindes aos produtos (exemplo: Gibis); e outros fatores de diferenciação como a introdução do aroma no solado dos calçados.

O desenvolvimento dessas estratégias pelas empresas segue, portanto, os apontamentos de Coutinho e Ferraz (1993) de que a competitividade está relacionada à capacidade de as firmas formularem e implementarem estratégias, cujo objetivo é manter e/ou ampliar sua participação no mercado.

Por fim, a articulação do Sindicato da Indústria do Calçado e Vestuário de Birigui (SICVB) e outras instituições locais (Prefeitura Municipal, Serviço Nacional da Indústria - SENAI, Câmara Municipal e Jornal Exclusivo) para o desenvolvimento do setor, bem como, o fortalecimento do sistema produtivo local e o surgimento de formas embrionárias de interação entre empresas são evidências do desenvolvimento de vantagens competitivas em empresas aglomeradas, conforme apontamentos de Reis, M. (1992)¹⁰.

6 Considerações finais

A década de 1980 foi um período crítico para a economia brasileira. Durante essa década, a política econômica foi direcionada para obtenção de superávits na balança comercial objetivando o pagamento dos compromissos externos. Neste contexto, foi baixo o crescimento econômico do Brasil.

Entretanto, a indústria calçadista brasileira apresentou desempenho positivo na década em decorrência do desdobramento da produção calçadista em duas categorias: uma

¹⁰ Para uma avaliação das vantagens competitivas da indústria calçadista de Birigui em decorrência de sua configuração em uma aglomeração de empresas, sugere-se a leitura do trabalho de Souza (2006). Destaca-se também que o próximo passo do projeto de pesquisa é investigar essa questão com mais detalhes e profundidade.

especializada na produção de calçados de couro, voltada ao mercado externo e outra especializada em calçados alternativos (sintético, plástico, tecido e borracha) voltada ao mercado interno. O segmento voltado ao mercado externo foi estimulado pelas medidas adotadas pelo governo de incentivo as exportações, enquanto o crescimento da indústria de calçados alternativos ocorreu em virtude do barateamento do preço final dos produtos.

A indústria calçadista de Birigui se enquadra nesta segunda categoria, ou seja, no segmento da indústria brasileira de calçados que direcionou sua produção ao mercado interno especializando-se na produção de calçados alternativos. Dessa forma, a indústria local manteve uma trajetória de crescimento na década, cujas evidências são: o elevado número de empresas instaladas, o crescimento do número de empregados e da produção, e o desenvolvimento da cadeia produtiva.

Além do desdobramento da produção, foram investigados também os fatores determinantes da competitividade da indústria calçadista de Birigui na década. O exame da competitividade teve como base a proposta de Fajnzylber (1988) de “competitividade espúria” e “competitividade real”; a tipologia de Prochnik (1991) de “flexibilidade espúria” e as observações de Reis (1992) sobre as vantagens de empresas aglomeradas.

A tipologia desenvolvida Prochnik (1991) demonstrou ser a mais apropriada para o entendimento da competitividade da indústria calçadista de Birigui na década de 1980. Durante o período constatou-se a presença de elementos “espúrios” da competitividade (baixos salários, insalubridade, emprego do menor, folhas frias, falta de registro em carteira, etc) convivendo com fatores considerados “autênticos” da competitividade (enobrecimento do produto, fortalecimento de marcas, desenvolvimento de personagens infantis, agregação de valor aos calçados etc).

Apesar da interpretação de Prochnik (1991), constatou-se que a configuração da indústria em uma aglomeração de empresas também contribuiu para a competitividade do setor calçadista de Birigui em decorrência da presença de externalidades positivas e do desenvolvimento de formas embrionárias de cooperação.

Referências

- CARNEIRO, R. **Desenvolvimento em crise**: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Unesp, 2002.
- COSTA, A. B. **Competitividade da indústria de calçados**: nota técnica Setorial do Complexo Têxtil. Campinas: s.d., 1993.
- COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C (Coords.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 1995.
- FAJNZYLBER, F. Competitividade internacional: evolución y lecciones. **Revista de La Cepal**, Santiago do Chile, n. 36, p. 7-24, dez. 1988.
- HAGUENAUER, L. Competitividade: conceito e Medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. **Texto para discussão n. 211**. UFRJ, 1989. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/gic/pdfs/1989-1_Haguenauer.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2010.
- NEGRI, B. **Concentração e descontração industrial em São Paulo (1880-1990)**. São Paulo: Unicamp, 1996.
- PORTER, M. **Competição**: on competition: estratégias competitivas essenciais. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PROCHNIK, V. Flexibilidade Espúria: modernização técnica com desigualdade social na indústria brasileira de calçados. In: Encontro Nacional de Economia, 19. **Anais...** ANPEC, 1991, Curitiba, 1991.
- REIS, M. **Reestruturação internacional e inserção do Brasil na indústria de calçados**. 1992. 135f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- REIS, C. N. **A indústria brasileira de calçados**: inserção internacional e dinâmica interna dos anos 80. 1994. 247 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- RIZZO, M. **A evolução da indústria calçadista de Birigui**: um estudo sobre a Capital Brasileira do Calçado Infantil. São Paulo: Boreal, 2005.
- SILVA, E. T. **Igreja e serviço social na organização popular**. 1983. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Lins, 1983.
- SOUZA, M. A. B. **Aglomeracão calçadista de Birigui**: origem e desenvolvimento. Araçatuba: Escritor, 2006.
- SOUZA, M. A. B. de.; BARBOSA, L. G. C. **O Cinquentenário da indústria do calçado infantil de Birigui**: pioneiros e empreendedores (1958-2008). Birigui: Bearare, 2009.

SUZIGAN, W. Estado e Industrialização no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 8, n. 4, out/dez, 1988.

SUZIGAN, W; FERNANDES, C. S. Competitividade sistêmica: a contribuição de Fernando Fajnzylber. In: Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 5 e Conferência Internacional de História de Empresas, 6. **Anais...**, Caxambu (MG), 2005.

VEDOVOTTO, N. M. **Birigui**: a revolução que começou pelos pés. São Paulo: Saga, 1997.